

Isaiás 66,10-24 - Alegrai-vos com Jerusalém...porque como os novos céus e a nova terra que hei de fazer, estarão diante de mim...virá toda a carne e adorar perante mim, diz o Senhor (vs.10,22-23).

CIDADE-SÍMBOLO DE TRÊS RELIGIÕES QUE NASCERAM DO ORIENTE MÉDIO: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. A Aliança de Paz entre Shimon Peres e Yasser Arafat, nos faz prever um futuro da paz, compreensão, convivência pacífica e entendimento entre diferentes teologias porém de raízes comuns;

Para encerrar, permiti-me narrar um episódio ocorrido no início da década de 1960, quando estava em moda o "Ecumenismo festivo": casamentos ecumênicos, cultos ecumênicos, sepultamentos ecumê-

nicos, formaturas ecumênicas etc...um Culto Ecumênico de Formatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre - RS: Pe. GUNTHER (Cat. Romano), O Rabino Judeu, e eu. O Rabino, por motivos de força maior, não pode comparecer; o Padre fez a Liturgia e eu preguei, com uma palavra final a respeito do MESSIAS JUDEU e do nosso MESSIAS (CRISTO) cristão.

Concluimos com as palavras do Salmista, no salmo 89,52: BEN-DITO SEJA O SENHOR PARA SEMPRE. AMÉM.

Dom Sidney A. Ruiz é Bispo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e Assessor Religioso para a Fraternidade Cristão-Judaica - RJ.

50 ANOS DO TÉRMINO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Rabino Henry I. Sobel

Obrigado, Dom Ivo. Antes de entrar no tema, gostaria de lhes contar uma história verídica.

Um dos primeiros judeus a se engajar nas relações católico-judaicas foi o filósofo Martin Buber, autor do famoso livro *Eu e Tu*. Certo dia, participando de um encontro inter-religioso, na presença de centenas de teólogos católicos, Buber disse o seguinte: "Entre mim e vocês, qual é a diferença? Todos nós acreditamos no Messias, só que vocês acham que ele já veio uma vez e virá novamente, e nós, judeus, achamos que ele ainda não veio. Então eu lhes proponho: vamos esperar juntos. E quando ele vier, simplesmente perguntaremos a ele: 'Já estiveste aqui antes?'" E Martin Buber acrescentou: "Se eu tiver a honra de estar perto dele nesse momento, vou sussurrar no seu ouvido: 'Não responda!'"

Meus amigos da Comissão Nacional: sejam quais forem nossas diferenças teológicas, acredito que somos todos filhos do mesmo Pai. Acredito que, aos olhos de Deus, todos nós temos o mesmo dever de divulgar Seus ensinamentos, a fim de fazer deste mundo um mundo melhor. É por isso que devemos encarar a recordação do

Holocausto, da *Shoá* que ocorreu 50 anos atrás, não como um chamado ao ódio, e sim como um chamado à solidariedade.

Não sou um intelectual. Não sou um acadêmico. Sou um rabino. Minha contribuição hoje de manhã é mais de caráter humano e pedagógico. Para quem, como eu, tem contato com os jovens e tenta conscientizá-los da tragédia do Holocausto, é preocupante, alarmante mesmo, o saudosismo pelo período nazista que vem se manifestando na Alemanha. Nos últimos tempos, ouvimos o presidente do Parlamento alemão referir-se à época de Hitler como "um processo glorioso", "fascinante", e um vereador da Câmara Municipal de Berlim declarar que "ainda não foram mortos judeus em número suficiente". Embora estas afirmações tenham sido severamente condenadas pela maioria das lideranças políticas do país, não se pode negar que uma perigosa nostalgia está se esboçando na Alemanha - uma nostalgia tão grave quanto o revisionismo na França, onde é moda negar a existência das câmaras de gás e o genocídio dos seis milhões de judeus.

Aqui no Brasil, tão longe, tão distante geograficamente do palco da Segunda Guerra Mundial, prevalece a ignorância dos horrores do Holocausto. E, mesmo entre os judeus, existe apatia. Eu trabalho de perto com duas gerações de judeus nascidos no Brasil: os filhos e netos dos refugiados que vieram para cá. Para estas gerações, o Holocausto é um mero capítulo da História.

Minha pergunta hoje de manhã é: como ensinar as lições do Holocausto às gerações que nasceram depois de 1945? A História tem a tendência a cair em desuso e dissolver-se em irrelevância. Qual a melhor forma de transmitir a relevância daquilo que aconteceu às gerações que não viveram o Holocausto?

Permitam-me dizer de início que não vejo o Holocausto como apenas uma manifestação a mais de um anti-semitismo milenar. O Holocausto é tanto uma continuação do antigo semi-semitismo, quanto um acontecimento singular, sem precedentes. Acho que esta singularidade não deve provocar em nossos jovens uma revolta exclusivamente contra os nazistas. Não nos interessa ensinar o Holocausto como meio de condenar os alemães. Depois de um certo tempo, fica difícil para um jovem culpar os filhos, netos e bisnetos dos criminosos pelos crimes dos seus antepassados. Quantos de

nós, hoje em dia, podemos realmente sentir ódio pessoal dos espanhóis por causa de Torquemada 400 anos atrás? Com o passar do tempo, devemos alargar o âmbito da responsabilidade. Devemos ensinar aos nossos jovens que não só os nazistas foram culpados do genocídio, mas que houve muitos outros que também devem compartilhar a culpa, embora cada um em suas devidas proporções. O mundo que testemunhou tal sadismo metódico e se calou... é culpado. As nações, os presidentes, os primeiros-ministros, todos que assistiram tranqüilamente aos crimes... não podem jamais ter direito a tal tranqüilidade. Creio que temos o dever de conscientizar os nossos jovens da passividade que existiu, pois essa conscientização mobilizará a juventude para a ação, caso surja um novo perigo para o nosso povo ou para qualquer outro povo.

Em segundo lugar, não creio que devemos falar do Holocausto como um conto de terror após outro, como uma acusação após outra. Em vez disso, devemos recordar aqueles não-judeus que heroicamente arriscaram a vida para salvar vidas judaicas. Devemos tentar focalizar os elementos de esperança e criatividade, a esperança que os judeus conseguiram encontrar em sua desesperança e a criatividade que surgiu enquanto se encontravam no inferno da destruição.

O maior exemplo de esperança, naturalmente, é a conexão histórica entre a fundação do Estado de Israel e o Holocausto europeu. Não podemos ensinar um sem o outro. Tal conexão deve ser ensinada como uma demonstração do gênio criativo de um povo que foi capaz de desafiar o Holocausto, um povo que teve a singular capacidade de arquitetar e construir por causa da perseguição e apesar da perseguição, por causa do genocídio e apesar do genocídio.

Terceiro, o aspecto religioso do Holocausto: a fé inabalável, a resistência espiritual, a determinação de manter a condição judaica. Os judeus nos campos de concentração, que roubavam um pouco de farinha para fazer *matzá*, o pão ázimo da Páscoa judaica, sabendo que se fossem descobertos seriam mortos - isto tem que ser lembrado. O judeu que perguntou ao seu rabino no gueto de Kovno qual a bênção que deveria recitar quando estivesse sendo morto pelos nazistas - isto tem de ser lembrado. Essa religiosidade pode ou deve servir de inspiração para a juventude judaica e não-judaica.

Um outro aspecto a ser ressaltado: milhões de pessoas foram mortas durante a Segunda Guerra Mundial, mais não-judeus do que judeus. Mas os judeus foram os únicos a serem mortos pelo único motivo de serem judeus, não por

causa do que fizeram ou por causa do que acreditavam. Religiosos e ateus, observantes e não-observantes, ortodoxos e liberais, todos foram levados à morte, sem que os nazistas se importassem com as suas convicções pessoais. Embora nem todas as vítimas tenham sido judeus, todos os judeus foram vítimas. Esta é uma lição de importância perene, pois a perseguição étnica e religiosa persiste ainda em nossos dias. Os protagonistas são outros, mas o enredo é tristemente semelhante.

Meu quinto e último ponto: a responsabilidade pessoal que cada judeu deve assumir depois do Holocausto, visando a reconstrução e o revigoreamento da vida judaica. Os jovens judeus de hoje têm que estar consciente do fato que a sua contribuição para a sobrevivência do judaísmo não deve se só por eles, mas pelos seis milhões que pereceram. E não somente pelos seis milhões, como também pelos milhões e milhões de filhos, netos e bisnetos que eles poderiam ter tido e não tiveram.

É preciso lembrar, é preciso conscientizar. Não com a finalidade de fomentar o ódio e a vingança, e sim com a finalidade de impedir que a tragédia se repita. Do passado devemos olhar para o futuro.

Duas propostas: sugiro que católicos e judeus no Brasil se empenhem juntos em implantar nos

seminários um programa educativo sobre o Holocausto, com o intuito de aproveitarmos as lições do passado construtivamente, para promover a compreensão e a harmonia. Se unidos compreendemos o fascismo e o genocídio, não permitiremos que as pragas de ontem voltem a assolar o mundo.

Número 2: devemos organizar anualmente uma enérgica comemoração conjunta do Holocausto, usando a oportunidade não só para relembrar a *Shoá*, como também

para analisar os problemas do presente e tomar as precauções necessárias para evitar uma nova calamidade no futuro.

Muito obrigado.

Rabino Henry I. Sobel é Grão Rabino da Congregação Israelita Paulista e Coordenador da representação judaica da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico

COMO FALAR DE DEUS CINQUENTA ANOS DEPOIS DO HOLOCAUSTO

REFLEXÕES DE UMA CATÓLICA

Dr.^a Maria Clara Lucchetti Bingemer

Em tempos de “celebração” dos cinquenta anos do maior genocídio de que a história da humanidade tem notícia, - o extermínio de vários milhões de judeus realizado pelo nazismo na segunda guerra mundial - a teologia cristã não pode estar ausente. Trata-se de uma “celebração” grave e cheia de perplexidade e horror, que é importante manter viva para não esquecer. Uma “celebração” na qual estão em jogo não só a história e a identidade do povo de Israel, mas de toda a humanidade. Uma “celebração” indignada mais que nunca, não só pela memória da data que transcorre e do conteúdo que a preenche, como também pela atitude revisionista que parece estar em curso e que propõe o esquecimento dos horrores praticados pelo nazismo. E, mais ainda, o ressurgimento do Nazismo em países que pelo menos historicamente se dizem cristãos.

A teologia cristã e, em nosso caso, mais propriamente católica, se inclina com respeito e reverên-

cia ao fazer memória de todas as vítimas deste evento e repete para si a pergunta já feita por tantos teólogos: Como falar de Deus depois de Auschwitz? Como falar de Deus diante daquilo que o holocausto inaugurou, ou seja: uma nova era em termos das coisas de que o ser humano é capaz? Os agentes que perpetraram o holocausto se apoderaram e levaram a cabo uma radicalização do aspecto destrutivo da capacidade humana. Ao fazê-lo, desafiaram muitas noções antropológicas que o Cristianismo fundamentava na revelação herdada em grande parte do Judaísmo. Levaram adiante uma concepção de ser humano que até o último grau dava testemunho de emancipação aonde a ciência e a tecnologia modernas podiam chegar independizadas de uma ética ou - mais ainda - do Deus que é o Princípio e Fundamento desta ética¹.

No dizer de teólogos cristãos, católicos ou não, a questão de Deus, que é a questão teológica mais fundamental, também sofre

1. Cf. J. PAWLIKOWSKI, O holocausto e a cristologia contemporânea, in *Concilium*, 195 (1984 / 5), pp 62-63.